



***Fanny Owen*, de Agustina Bessa-Luís, como romance de leitura**

***Fanny Owen*, by Agustina Bessa-Luís, as Novel of Reading**

Edenilson Mikuska

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná / Brasil

mikuskaep@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-1428-9955>

Resumo: Neste artigo, analisamos o romance *Fanny Owen* (1992), de Agustina Bessa-Luís, a partir do conceito de romance de leitura. A expressão “romance de leitura” (*Lektüreroman*) foi cunhada pelo teórico alemão Volker Roloff. Grosso modo, é o romance que tem por tema a leitura – “roman sur lê theme de la lecture”. Trata-se, portanto, do romance em que os personagens se deixam envolver pela leitura de obras ficcionais a ponto de terem suas condutas ou seus caracteres alterados, ou mesmo a ponto de se tornarem mais e mais dependentes da ficção e, desta forma, menos propensos a se adaptar à realidade. *Fanny Owen* dá tratamento ficcional a fatos biográficos relativos a personalidades históricas, principalmente o escritor Camilo Castelo Branco, seu amigo José Augusto Pinto de Magalhães e a Fanny Owen, filha do coronel britânico Hugh Owen, que havia tido um papel relativamente importante na Guerra Civil Portuguesa (1828–1834). No romance de leitura, a leitura de literatura pelos personagens aparece com destaque na trama, a ponto de ser um elemento estruturador da narrativa. *Fanny Owen* pode, assim, ser classificado como um romance de leitura já que os personagens principais são influenciados pela literatura romântica que leem.

Palavras-chave: *Fanny Owen*; Agustina Bessa-Luís; romance de leitura; leitura; leitor.

Abstract: In this work, we analyze the novel *Fanny Owen* (1992), by Agustina Bessa-Luís, based on the concept of novel of reading. The

expression “novel of reading” (*Lektüreroman*) was created by the German theorist Volker Roloff. It is the novel whose theme is reading – “roman sur lê theme de la lecture”. It is, therefore, the novel in which fictional characters become modified, or more and more dependent on so dependent on fiction that they cannot adapt to reality. *Fanny Owen* gives a fictional treatment to biographical facts related to historical personalities, mainly the writer Camilo Castelo Branco, his friend José Augusto Pinto de Magalhães and Fanny Owen, daughter of British colonel Hugh Owen, who had played a relatively important role in the Portuguese Civil War (1828–1834). In the novel of reading, the characters’ reading of literature appears prominently in the plot, to the point of reading being a structuring element of the narrative. *Fanny Owen* can be classified as a novel of reading as the main characters are influenced by the romantic literature they read.

Keywords: *Fanny Owen*; Agustina Bessa-Luís; novel of reading; reading; reader.

1 Introdução

O romance *Fanny Owen* (1992), de Agustina Bessa-Luís, dá tratamento ficcional a fatos biográficos relacionados a personalidades históricas – principalmente o escritor Camilo Castelo Branco, seu amigo José Augusto Pinto de Magalhães, e Fanny Owen, filha do coronel inglês Hugh Owen, o qual teve destacado papel na Guerra Civil Portuguesa (1828–1834)¹. Temos esses três personagens envolvidos num triângulo amoroso. A narrativa apresenta como pano de fundo o contexto cultural dominado pelo movimento romântico, que tem notável influência nos

¹ Em seu artigo sobre o romance *Eugénia e Silvina* (1990), o crítico suíço Georges Güntert (1991, p. 95) chama atenção para a “conhecida predileção de Agustina Bessa-Luís pelas biografias romanceadas, sobretudo de escritores e artistas”. Em verdade, um rápido exame da obra de Bessa-Luís é suficiente para percebermos seu profundo interesse pelo gênero biográfico: é autora de cinco biografias propriamente ditas: *Santo Antonio* (1973), *Florbela Espanca* (1978), *Sebastião José* (1981), *Longos dias têm cem anos – presença de Vieira da Silva* (1982) e *Martha Telles – o castelo onde irás e não voltarás* (1986).

personagens, principalmente em Fanny e José Augusto, leitores de literatura – sobretudo, de Lord Byron.

Fanny Owen tematiza a leitura de literatura: os personagens Fanny e José Augusto são leitores de literatura romântica. E mais: na obra, tais personagens têm suas condutas influenciadas pela literatura que leem. Ao voltarmos nossa atenção para a maneira como esses leitores são representados lendo na obra, somos colocados diante da questão da representação do leitor de literatura na ficção. Analisaremos essa representação amparados pelo conceito de “romance de leitura”.

A literatura, como tema, está presente em toda esta obra. Tematizar a literatura em um romance faz com que se coloque em discussão uma série de questões ligadas à história da literatura ou, ainda, à própria feitura da obra literária.

As referências literárias são constantes e em várias ocasiões aparecem como decisivas para a constituição dos personagens, bem como para o andamento do enredo. A estratégia posta em prática neste romance é semelhante ao que ocorre noutras obras da literatura, inclusive em dois dos grandes romances de todos os tempos: *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Assim como na história do fidalgo Alonso Quijano, que enlouquece pela razão de muito ler os romances de cavalaria, também a literatura em prosa do Romantismo faz de Emma Bovary uma obcecada em realizar as aventuras amorosas descritas naquelas histórias. É o mesmo o que vemos em *Fanny Owen*, ainda que de maneira um tanto menos explícita. Procuraremos demonstrar que *Fanny Owen* se insere nessa tradição, que constitui um subgênero dentro do universo romanesco, que chamamos aqui de “romances de leitura”.

2 O romance de leitura

A expressão “romance de leitura” (*Lektüreroman*) foi cunhada pelo teórico alemão Volker Roloff: “*roman sur lê theme de la lecture*” (ROLOFF *apud* BAJOMÉE; DOR; HENNEAU, 2007, p. 130)². Trata-se, portanto, do romance em que os personagens se deixam envolver pela leitura de obras ficcionais a ponto de se tornarem mais e mais dependentes

² O conceito foi explorado mais detalhadamente na dissertação de mestrado intitulada *Se dio te lasci, lector – Aspectos da autoteorização no romance Fanny Owen, de Agustina Bessa-Luís* (MIKUSKA, 2014).

da ficção e, desta forma, menos propensos a se adaptar à realidade. O personagem Dom Quixote tem sua percepção do real afetada pelas leituras e não mais reconhece o mundo em que vive: troca a realidade pelo ficcional, até que sua vida é transformada e vivida de acordo com as convenções literárias dos romances de cavalaria. Emma Bovary lê romances românticos até cansar-se do tédio da vida real; aspira aventuras como as dos romances românticos que leu.

Afora esses dois exemplos clássicos, até mesmo óbvios, podemos citar um caso mais próximo: o romancista Eça de Queirós. Com esta referência, lembramos inevitavelmente de Luiza, de *O primo Basílio*, leitora voraz de histórias românticas, inspirada claramente em Emma Bovary. Mas há também o exemplo menos óbvio de Jacinto de *A cidade e as serras*, cujas leituras são apontadas pelo narrador como um dos motivos responsáveis por lhe deixarem o caráter pessimista em relação à vida como um todo. De Camilo Castelo Branco temos um exemplo que pode ser incluído nessa classificação: *A queda dum anjo* (1866) conta a história de Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda, leitor dedicado principalmente de obras clássicas da literatura portuguesa do século XVI, leituras que condizem com seu caráter ingênuo e austero. Sua personalidade muda (a “queda de um anjo” aludida no título), isto é, Calisto se corrompe, tornando-se quase um libertino, ao mesmo tempo em que se envolve com uma mulher leitora de romances, “grandemente lida em novelas francesas”, que o leva mais tarde a preferir essas mesmas leituras³.

Orlando Grossegeisse (2013) aplica o conceito de romance de leitura com muito sucesso ao romance *A cidade e as serras*. Segundo Grossegeisse, nesse romance há uma distinção entre leituras *nocivas* e leituras *terapêuticas*. As leituras nocivas têm este caráter em função do modo que se lê: a leitura extensiva faz mal a Jacinto. Quando se muda

³ Facilmente se nota que o romance de leitura foi muito comum no século XIX. No século XX, os exemplos são mais raros. Para além das obras já citadas e para uma melhor definição dessa categoria de romances, podemos aqui citar o romance *Auto de fé* (1935), do laureado escritor búlgaro Elias Canetti. É a história do sinólogo Peter Kien, obcecado por sua biblioteca com vinte mil volumes. Este erudito, que vive no mundo dos livros e das ideias, é incapaz de se adaptar ao mundo real. Das narrativas cinematográficas, cito o exemplo do filme *O labirinto do Fauno* (2006): a menina Ophelia busca refúgio nas leituras de histórias de contos de fadas, já que a vida real lhe oferece um cenário tenebroso – um padrasto mau, oficial que combate remanescentes comunistas da finda Guerra Civil Espanhola.

para o campo, Jacinto experimenta uma nova forma de leitura: passa a ler intensivamente, com vagar, o *Dom Quixote*: eis a leitura terapêutica, que resgata Jacinto do tédio e do pessimismo. Mas nos cinco exemplos citados, a leitura – ou mais especificamente a leitura de romances, exceto no caso de Jacinto, que em vez de romances lia o *Eclesiastes* e Schopenhauer e “todos os líricos e teóricos do pessimismo”, todos ainda assim perniciosos, aos olhos do narrador Zé Fernandes – é tratada como fator desencadeante de dissabores nas vidas dos personagens. E assim também o é em *Fanny Owen*.

O poder de influência da literatura na realidade já foi reconhecido, enaltecido às vezes, mas, principalmente, denunciado ao longo dos últimos séculos. No século XIX chegou-se a tratar a influência do romance nos leitores como uma patologia⁴. Stefano Calabrese discorre sobre essa tendência no ensaio *Wertherfieber, bovarismo e outras patologias da leitura romanesca*. O estudioso italiano nota que:

Por volta de 1970, ao mesmo tempo que em Konstanz buscava-se uma taxonomia geral do ‘Leitor’ (fosse designado ‘implícito’ ou ‘modelo’), o historiador Rolf Engelsing e o etnólogo Rudolf Schenda inauguravam uma história da literatura *real* perguntando-se qual papel haveria desempenhado a literatura no contexto biográfico dos leitores. (CALABRESE, 2009, p. 697)

O fenômeno da “febre Werther” e do “bovarismo” despertou o interesse dos pesquisadores não apenas do campo da literatura, como se vê. Calabrese cita ainda outros termos usados para descrever a influência da leitura de literatura nos leitores do século XIX: *Wertherwirkung* (efeito Werther) e *Wertherkrankheit* (doença Werther). Descrevendo a comoção que varreu a Europa na época, o pesquisador italiano comenta

⁴ A título de curiosidade, um *site* na *internet* publicou uma lista de motivos que teriam levado pessoas a serem internadas num “asilo de loucos” (*insane asylum*) em fins do século XIX, em West Virginia, nos Estados Unidos. A lista inclui as mais diversas razões para internamento, desde as mais propriamente clínicas, como “histeria”, até outras razões de caráter mais subjetivo, como “preguiça” e “má companhia”. Mas a maioria dos motivos é bastante exótica: “ciúme e religião” (*jealousy and religion*), “entusiasmo religioso” (*religious enthusiasm*), “ninfomania” e “leitura de romances” (*novel reading*). Disponível em: http://dangerousminds.net/comments/list_of_reasons_for_admission_to_an_insane_asylum. Acesso em: 15 set. 2020.

que a leitura de romances era, algumas vezes, usada como atenuante para crimes (CALABRESE, 2009, p. 728).

Ian Watt, em *A ascensão do romance*, assevera a importância da leitura de romances na formação das mentalidades dos indivíduos. Segundo o autor, no século XVIII a literatura já exercia esse papel formador. Escreve a respeito de *Pamela* (1740), de Richardson:

Pamela assinala um momento notável na história da cultura britânica: o surgimento de um estereótipo do papel feminino inteiramente novo e imensamente influente [...] Aliás, a natureza desse novo estereótipo reflete muito das tendências sociais e econômicas. (WATT, 2010, p. 171)

O historiador norte-americano Robert Darnton também confirma essa tese:

Richardson, Rousseau e Goethe não se limitaram a provocar lágrimas nos seus leitores, porém mudaram várias vidas. *Pamela* e *La nouvelle Héloïse* levaram amantes, esposos e pais a reconsiderar suas relações mais íntimas e, em alguns casos bem documentados, a modificar sua conduta. *Os sofrimentos do jovem Werther* induziu alguns leitores de Goethe a tirar a própria vida [...] Esses primeiros romances românticos podem parecer hoje em dia insuportavelmente piegas, mas para os leitores do século XVIII possuíam um cunho de autenticidade irresistível. Estabeleceram uma nova relação entre autor e leitor e entre leitor e texto. (DARNTON, 1998, p. 233)

Este fenômeno só veio ampliar-se exponencialmente no século XIX. O público leitor aumenta de maneira vertiginosa e assim cresce também a demanda por literatura. Ian Watt dá conta da popularização de bibliotecas circulantes nessa época. “Depois de Richardson muitos autores, editores e administradores de bibliotecas circulantes passaram a dedicar-se à produção maciça de ficção que oferecia apenas oportunidades de devaneio” (WATT, 2010, p. 211). Percebe-se também o sentimento de repulsa a uma literatura considerada de qualidade inferior, que era consumida pelas massas. Watt cita a fala do poeta Coleridge:

Quanto aos aficionados das bibliotecas circulantes, não ousou enaltecer seu passatempo, ou melhor, matatempo, dando-lhe o nome de leitura. Melhor chamá-lo de uma espécie de devaneio abjeto, durante o qual a mente do sonhador se enche de preguiça

e de uma sensibilidade um tanto repulsiva. (COLERIDGE *apud* WATT, 2010, p. 211)

Tal fala deixa evidente não apenas o preconceito do poeta inglês por determinadas obras de grande público, mas também, e principalmente, que a leitura vinha se tornando inquestionavelmente um fenômeno mais e mais popular: as pessoas liam muito mais do que em qualquer época. E houve não só o aumento no número de leitores; houve também uma nítida mudança na relação entre leitor e literatura.

A severa fala de Coleridge antecipa a crítica que teria seu ápice em *Madame Bovary*, de Flaubert. Veremos agora como essa crítica aparece em *Fanny Owen*, que identifica na leitura de obras do Romantismo algo da culpa pelo malfadado destino de duas das suas personagens principais.

Começemos pelo ambiente: a atmosfera romântica é descrita desde o início do romance. A juventude do Porto é retratada como influenciada por Lord Byron, o célebre poeta e quase que uma personificação essencial, oficial e institucionalizada do poeta e herói romântico⁵. Segundo Otto Maria Carpeaux (1962, p. 1867), a literatura da primeira metade do século XIX fora dominada por três escritores ingleses: Shakespeare, Scott e Byron, sendo os dois primeiros de influência mais “extensa e, talvez, mais profunda” que a do último. Carpeaux (1962, p. 1867) acrescenta que “[...] pode-se afirmar, sem exagero, que nunca um poeta impressionou tanto os seus contemporâneos como o Lord excêntrico. Byron apareceu como um meteoro; e desapareceu como um meteoro”.

A figura de Byron é, sem dúvida, importantíssima para o Romantismo, já que o poeta extrapolou a condição de escritor, ganhando uma dimensão maior, muito além do que se refere a sua obra literária. É igualmente importante em *Fanny Owen*, na medida em que as referências à sua personalidade e à sua obra são constantes. Sua influência comportamental foi tamanha a ponto de se tornar referência para a juventude europeia. Otto Maria Carpeaux (1962, p. 1869) anota que Byron criou “um novo tipo de poeta, até um novo tipo de homem, admiradíssimo e imitadíssimo”. Influência quase que totalmente restrita

⁵ A fama e influência de Byron chegam a parecer surreais, mesmo para nós, habituados com jovens e entusiasmadas fãs do cantor adolescente Justin Bieber e outros fenômenos da cultura *pop*. Leio em *501 Grandes Escritores* a anedota de que ao lançar a obra intitulada *The Corsair* (1814) foram vendidos 10 mil exemplares, isso apenas no primeiro dia de publicação. Byron tinha então 26 anos (2009, p. 131).

apenas ao campo comportamental, é importante frisar: para o crítico, “na poesia inglesa moderna e atual não há o mínimo vestígio de sua influência” (CARPEAUX, 1962, p. 1869). Harold Bloom parece também concordar com Carpeaux quanto à qualidade do verso byroniano, ao atribuir, ironicamente, a admiração de Goethe pelo poeta – “a quem estranhamente punha acima de Milton” – como um resultado de seu “inglês meio imperfeito” (BLOOM, 2010, p. 286).

Se não influenciava pela técnica de sua poesia, Byron ao menos inspirava literatura com sua personalidade excêntrica: Bloom viu na segunda parte do *Fausto*, de Goethe, personagens inspirados pela figura do poeta inglês: “O espírito de Byron aparece como o Jovem da Carruagem e como o infeliz Euphorion, filho da união de Fausto e Helena [...] e na figura do Homúnculo [...]” (BLOOM, 2010, p. 285–286)⁶. De Byron, mais interessava o gesto, a atitude diante da vida que se alastrou pela Europa como referência; sua poesia vinha em segundo plano.

Mas não queremos polemizar em torno da qualidade do verso de Byron. Aqui nos interessa justamente o que ele fundou como estilo de vida, ou que legou como modelo de conduta para os jovens europeus de meados do século XIX, imersos na atmosfera romântica. Bom poeta ou não, o que vale aqui é que suas ideias eram muito influentes e imitadas. Inclusive pelo personagem José Augusto, que não era apenas um imitador dos modos do poeta inglês, mas principalmente um leitor inveterado da obra de Byron.

Não somente José Augusto. No romance, vemos o byronismo imperando. O narrador fala da “boêmia inteligente, byroniana, com mais coletes do que ideias, com mais prosápia que novidade” e da “turba de românticos quase todos picados de donjuanismo” (BESSA-LUÍS, 1988, p. 8). Estamos no início da década de 50 do século XIX; o Romantismo continuaria hegemônico na cultura portuguesa por muito tempo ainda. Mas sigamos em frente. Analisemos agora como tal ambiente refletiu

⁶ Ainda sobre a influência de Byron e do Romantismo, citamos um exemplo da cultura *pop*: a edição da revista *Bravo!*, de dezembro de 2007, traz uma matéria sobre o lançamento do álbum *Shotters Nation*, da banda de *rock* inglesa *Babyshambles*. A matéria trata das influências assumidas por Pete Doherty, o líder do grupo: a poesia romântica, principalmente a de Lord Byron. O texto vai além e aproveita para traçar uma comparação entre as personalidades do poeta inglês e do compositor e líder da banda: “Mais do que um fenômeno da música, Pete começou a encarnar o papel do herói byroniano para críticos surpresos e adolescentes aos seus pés” (REZENDE, 2007, p. 87).

em José Augusto, determinando suas leituras – leituras que viriam a determinar suas atitudes.

O escritor mais insistentemente associado a José Augusto é Byron. As constantes referências mostram o poeta inglês quase que como uma obsessão do personagem: “José Augusto lia Byron como outros leem a Bíblia. Conhecia-lhe de cor os versos e os vínculos todos do embaraço frente à sociedade que é, sobretudo, as mulheres” (BESSA-LUÍS, 1988, p. 49). No seguinte trecho temos melhor ideia das leituras de José Augusto e de sua preferência pelo poeta inglês:

Camilo teve a surpresa agradável de encontrar bons livros nas estantes. Havia enciclopédias e romances de cavalaria. Alguns eram mais recentes; *Clarissa Harlowe* e *Tom Jones*. A obra completa de Byron chamou-lhe a atenção. – Bonito! Já tinha adivinhado! [...] és tão byroniano como cinco por cento dos janotas portuenses. – Cinco por cento? E os outros? – disse José Augusto, atijando as brasas. – Os outros são simplesmente grandes homens [...] Byron é a moda, e a moda em literatura é a pior de todas. (BESSA-LUÍS, 1988, p. 22)

O trecho revela também algo do ambiente profundamente atrelado ao Romantismo, do qual aparentemente nem mesmo Camilo está livre. Como observa cinicamente José Augusto, fossem referências da moda ou fossem outras, todos estavam condenados a respirar o mesmo ar, e sofrer as mesmas influências: “– Moda ou não, em coisas de literatura amorosa, andamos tu e eu em cabeleira empoadada e fivela nos sapatos” (BESSA-LUÍS, 1988, p. 21–22)⁷. Mas José Augusto era, sobretudo, um leitor de obras românticas: a referência ao romance *Clarissa* (1748), de Samuel Richardson, mais os romances de cavalaria, somados a Byron, viriam a compor um típico personagem da categoria de romances a que aludimos anteriormente: o romance de leitura. Tal qual Dom Quixote, vítima dos romances de cavalaria, ou Madame Bovary, vítima das ficções românticas, José Augusto é bastante suscetível a uma forte influência do lirismo romântico de Byron⁸.

⁷ Este trecho faz lembrar o personagem Silvestre, de *Coração, cabeça, estômago*, do qual falarei mais detalhadamente a seguir.

⁸ Mas não apenas José Augusto. Fanny Owen e sua mãe, D. Rita, também demonstram a mesma influência do Romantismo; eram leitoras de Byron e sabiam versos do poema *Childe Harold* de cor: “D. Rita fazia versos... Sabia de cor grande parte de *Childe*

Jacinto Prado Coelho, em seu estudo sobre o Romantismo em Portugal, esclarece o caráter epidêmico e danoso (segundo ele) do Ultrarromantismo à sociedade portuguesa. Como referência, cita o caso dos protagonistas do romance de Bessa-Luís:

O Ultrarromantismo propagou-se das letras para as famílias burguesas, dando-se na nação o singular fenômeno da perda do senso do ridículo' (observa Teófilo Braga em *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*). Com efeito, a literatura alastra no viver quotidiano – o que tantas vezes (por ex.: no *Coração, Cabeça e Estômago*, em *A Mulher Fatal*) dará a Camilo motivos de caricatura. Um livro de Maigron, *Le Romantismo et les Moeurs*, contém curiosos pormenores a este respeito, em referência à sociedade francesa. Entre nós, é sintomático o famoso episódio de Fanny Owen. Um amigo de Camilo, José Augusto Pinto Magalhães, raptou esta jovem e levou-a para a sua casa do Lodeiro, respeitando-a sempre como noiva. Soube então dum as cartas que Fanny endereçara, antes do rapto, a um espanhol, e onde se dizia incompreendida. O raptor decidiu casar com ela (era ponto de honra) mas tratá-la como irmã. No maior isolamento moral, Fanny Owen morreu virgem dois anos depois de casar. José Augusto mandou-a embalsamar e guardou-lhe num frasco-relicário o coração. Dois meses depois, morria também.w. (COELHO, 1965, p. 16)

Bessa-Luís conduz a história da mesma forma, ou seja, ressaltando o papel pernicioso do Romantismo nos personagens. Com o avanço da narrativa, fica evidente a sugestão de que a literatura exerce um papel negativo na vida de Fanny e José Augusto, leitores de obras românticas. Encaminhando-se para o final, o narrador assevera esse fato, ao destacar a opinião de Camilo:

Harold e às vezes pediam-lhe para recitar. Tinha sempre na memória uma estrofe, como nesse momento em que ela disse, de maneira que imitava a sublimidade: 'Oh! Assim possas tu ficar sempre o que és e não desmentir as promessas da tua Primavera: possas tu conservar, a par de formas tão belas, um coração tão amante e tão puro...' Tentou continuar, ensaiou duas vezes e desistiu, porque não se lembrava de mais. E foi Fanny que disse, modestamente, como desculpando-se de reparar aquela amnésia da mãe, a quem se cingiu, com graciosa confiança: - 'Imagem terrena do amor despojado das suas asas, e ingênuo, para além de tudo o que a esperança possa imaginar'" (BESSA-LUÍS, 1988, p. 83). Ressalto que tais versos soam premonitórios: com a morte de Fanny, José Augusto irá conservar-lhe o coração dentro de um frasco, repousado no altar de uma capela.

Muito tempo depois Camilo escreve, numa nota a lápis na primeira página do álbum de José Augusto: ‘Estes documentos provam que a miséria o romantismo de há trinta anos podia levar dois desgraçados com o cérebro vazio e o coração cheio de asneiras. (BESSA-LUÍS, 1988, p. 172)

Este trecho também colabora para estabelecer uma importante ressalva: o ambiente romântico e a literatura romântica não desembocavam necessariamente num determinismo inescapável para os indivíduos. A literatura adentrou insidiosamente em Fanny e José Augusto porque, em última instância, eles o permitiram, dada a constituição de seus caracteres ser débil e influenciável.

Tanto é verdade que o mesmo não se dá com Camilo, que é capaz de permanecer, se não incólume, ao menos cauteloso em relação ao espírito do tempo. Basta repararmos na seguinte fala, que confirma o domínio sobre si, quando Marcelino acusa Camilo de “adormecer à sombra dos teus folhetins”:

Os romances fazem mal a muita gente, menos aos autores. Há pessoas que não conseguem encontrar na vida vulgar o lugar próprio, e depois querem conquistá-lo a força. Julgam-se excepcionais e acusam os outros de não os compreenderem. José Augusto é um deles. Imagina-se Dom João, ou Hamlet. A mãe dele morreu antes de ele saber ver a morte como uma lei da natureza; tomava-a como uma desfeita indesculpável. Tem a paixão das novelas. Lê até às quatro da manhã, o que é pouco para uma vocação e é demasiado para um morgado. (BESSA-LUÍS, 1988, p. 65)

Aqui, fica sinalizada uma atitude de personagem assumida por José Augusto, causada pela sua suscetibilidade diante da literatura. Investe-se de uma personalidade simulada, que não é a sua e sim uma outra, artificial, tomada da ficção. Camilo demonstra entendimento da situação, ao perceber que José Augusto busca na literatura uma fuga da realidade “vulgar” e traz para a realidade o que a ficção lhe oferece sedutoramente. É uma funesta demonstração do dito atribuído a Oscar Wilde de que a vida imita a arte muito mais que a arte imita a vida.

O seguinte trecho dá ideia, de maneira muito eloquente, da fraqueza de José Augusto diante da literatura. Também acena com um sentimento de desconforto do narrador diante do que seriam os perigos do conhecimento para um jovem sensível:

Os livros de grande espírito que ele consultara na sua biblioteca do século XVIII, legada por um tio egresso, ajudaram a completar o quadro desarrumado de sua mente. A precocidade da cultura conduz à aridez das emoções. O que deve ser descoberto com a frescura do instinto não pode ser compreendido através do recreio da arte. José Augusto aprendeu no Casanova coisas diferentes do que sentia [...] É isso que ele *incute* no leitor – a extrema vileza em que se debate, o reconhecimento da sua decadência. (BESSA-LUÍS, 1988, p. 89, grifos nossos)

Destacamos aqui o seguinte ponto: a tal fraqueza de José Augusto o leva, “atordoado de leituras doentes” (BESSA-LUÍS, 1988, p. 88), a instituir-se como um personagem. Já mencionamos esta característica de José Augusto de fugir da realidade a ponto de ser um reflexo do que lê na vida real. Na análise tanto do personagem Camilo quanto do narrador de *Fanny Owen*, fica clara a tendência de José Augusto a um fingimento, a uma deliberada autoficcionalização. O lúcido Camilo “viu mais tarde quanto José Augusto adotou uma falsa investidura e se tomou pelo personagem que ele próprio criara” (BESSA-LUÍS, 1988, p. 11). Já o narrador alude ao acontecimento capital do romance – o rapto de Fanny por José Augusto – com uma “obrigação” para “corresponder às obrigações do romance que ele próprio forjara”. Tudo nas atitudes de José Augusto são imitações da literatura romântica. “Grande parte das suas emoções eram só aparentes” (BESSA-LUÍS, 1988, p. 163). Até mesmo o amor: “Incapaz de se satisfazer com a realidade pelo muito que a sua imagem fora falsificada através dum sedicioso culto do prazer, restava-lhe o simulacro do amor” (BESSA-LUÍS, 1988, p. 171).

Em *Coração, cabeça e estômago*, Camilo Castelo Branco satiriza essas simulações na figura do jovem Silvestre, que deseja encarnar o estereótipo corrente do artista romântico; para isso, chega a maquiarse para aparentar olheiras e a cortar o cabelo de maneira a ter entradas, de acordo com o que seria a aparência de um poeta devotado às concepções românticas de vida. Tenta encenar cotidianamente o que lê e para isso cria um personagem caricatural. As leituras levam José Augusto a agir mais ou menos da mesma forma. Também simula; também é um personagem; sua subjetividade depende quase que totalmente de suas leituras. Lê muita literatura romântica; e isso o faz desejar outra vida, bem à maneira romântica, desprezando a realidade e buscando um refúgio alhures, nalguma fantasia; é a sedução de viver uma vida ideal: a vida da ficção.

[Do] choque do seu eu com o mundo, o escritor romântico evade-se na aspiração por esse outro mundo distinto [...] onde ele não encontra as dificuldades que enfrenta na realidade imediatamente circundante. (PROENÇA FILHO, 2012, p. 189)

Tal evasão de José Augusto revela o “[...] choque entre o mundo sonhado e o mundo real” (PROENÇA FILHO, 2012, p. 190), característico do Romantismo.

É claramente manifesta em *Fanny Owen* uma constante problematização do romance. Ou ainda, de uma perspectiva mais ampla, da literatura como um todo, enquanto produto cultural capaz de intervir na realidade através de sua influência nos leitores mais suscetíveis. Em *Fanny Owen*, a literatura romântica tem potencial de causar alguma influência em José Augusto e Fanny.

Bessa-Luís, ao usar o leitor e a leitura como temas de um romance, através de personagens como Fanny e principalmente, José Augusto, necessariamente insere na obra importantes reflexões sobre a literatura. Como o historiador Robert Darnton, que mencionamos anteriormente, Bessa-Luís também parece propor uma pergunta: como a literatura e a leitura afetam os leitores? E dentro do universo da ficção consegue estabelecer autorreflexividade, apresentando-nos leitores de literatura e suas reações diante do texto literário.

3 Considerações finais

Na obra, a literatura é tratada e analisada do ponto de vista de leitores: José Augusto encarna a figura de um tipo muito específico de leitor, ou seja, o leitor de literatura romântica do século XIX, leitor este que já foi retratado pelo próprio Camilo, como também por Eça, para citar apenas os portugueses, mas que se tornou tema na literatura da Europa, ao refletir as preocupações da intelectualidade do século XIX com as “patologias da leitura romanesca”, conforme descreve Stefano Calabrese. O fato de o romance crescer tanto em popularidade a ponto de se tornar uma preocupação de saúde pública, ou ainda de figurar em tribunais – como foi o caso de *Madame Bovary* – além de dar testemunho das excentricidades do século XIX, diz muito sobre a importância deste gênero literário para a cultura ocidental.

O mundo criado em *Fanny Owen* reúne, dentre outros elementos, a literatura tematizada ao longo de toda narrativa, de diversas formas: na

figuração do contexto da literatura romântica do século XIX e o panorama da cultura romântica byroniana no Porto; no escritor de romances figurado (ou refigurado, considerando que se trata de um personagem histórico, Camilo Castelo Branco); na presença de personagens leitores de literatura (o que me levou a empregar o conceito de romance de leitura).

Portanto, muito mais que um romance biográfico sobre um trágico triângulo amoroso em que um célebre escritor português esteve envolvido, *Fanny Owen* é um romance que se pensa, e que ao se pensar, acaba por fazer uma reflexão sobre a literatura e a leitura de literatura, configurando-se, assim, como um legítimo romance de leitura, de acordo com o conceito explorado neste trabalho.

Referências

BAJOMÉE, D.; DOR, J.; HENNEAU, M. *Femmes et livres*. Paris: L'Harmattan, 2007.

BESSA-LUÍS, A. *Fanny Owen*. Lisboa: Guimarães, 1988.

BLOOM, H. *O cânone ocidental: Os livros e a escola do tempo*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

CALABRESE, S. Wertherfieber, bovarismo e outras patologias da leitura romanesca. In: MORETTI, F. (org.). *A cultura do romance*. Tradução de Denise Bortman. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARPEAUX, O. M. O Romantismo. In: CARPEAUX, O. M. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1959. v. 4.

COELHO, J. do P. (org.). *Poetas do Romantismo*. Lisboa: Livraria Clássica, 1965.

DARNTON, R. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GROSSEGESSE, O. Crítica do dandismo e carnavalização: A cidade e as serras no contexto europeu. In: LOURENÇO, A. A.; SANTANA, M. H.; SIMÕES, M. J. (coord.). *O Século do Romance. Realismo e Naturalismo na Ficção Oitocentista*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2013. p. 369–382.

GÜNTERT, G. Literatura como discurso terapêutico – *Eugénia e Silvina*, de Agustina Bessa-Luís. *Colóquio Letras*, n. 120, p. 95–106, abr. 1991.

LOPES, S. R. *Bruscamente*: sobre a obra de Agustina Bessa-Luís. In: LOPES, S. R. *Aprendizagem do incerto*. Lisboa: Litoral, 1990.

MIKUSKA, E. *Se dio te lasci, lector*: Aspectos da autoteorização no romance Fanny Owen, de Agustina Bessa-Luís. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.

PROENÇA FILHO, D. *Estilos de Época na Literatura*. 20. ed. São Paulo: Prumo, 2012.

ROLOFF, V. Von der Leserpsychologie des Fin de Siècle zum Lektüreroman – zur Thematisierung der Lektüre bei Autoren der Jahrhundertwende (u.a. Huysmans, Eça de Queirós, Unamuno, Proust). *Zeitschrift für Linguistik und Literaturwissenschaft*, n. 57, p. 186–203, 1985.

WATT, I. *A ascensão do romance*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.